

A MUSICOTERAPIA RECEPTIVA E O MÉTODO BONNY DE IMAGENS GUIADAS POR MÚSICA NOS CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO NARRATIVA

RECEPTIVE MUSIC THERAPY AND THE BONNY METHOD OF GUIDED IMAGERY AND MUSIC IN PALLIATIVE CARE: A NARRATIVE REVISION

Vítor Marsula

Faculdade Santa Marcelina

Denise Chrysostomo Suzuki

Universidade Federal de São Paulo

Resumo: O cuidado paliativo é a área que lida com o mais delicado momento da vida humana, a aproximação de seu fim. A consciência da proximidade de tal momento pode trazer à tona uma série de questões características que afligem quem se encontra em tal situação. Dores e problemas respiratórios são apenas alguns dos sintomas físicos que o indivíduo pode apresentar, porém, sintomas como a perda de memória, luto antecipado, medo, aflições psicológicas e perda ou questionamento do sentido são tão importantes quanto para a manutenção da qualidade de vida do paciente. **OBJETIVO:** Identificar artigos primários que utilizam procedimentos de audição imagética da musicoterapia receptiva, em especial do Método Bonny de Imagens Guiadas por Música nos cuidados paliativos e narrar como se dá a prática. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão narrativa, onde foram pesquisados artigos primários que utilizaram o Método de Imagens Guiadas por Música ou procedimentos semelhantes aplicados em cuidados paliativos, buscando compreender os efeitos psicológicos e fisiológicos com indivíduos a partir dos 18 anos em contexto hospitalares, casas de repouso ou domicílio. **RESULTADO:** Foi possível identificar quais as principais situações em que os métodos receptivos puderam ser utilizados, os participantes foram capazes de lidar com traumas profundos e questões familiares, tiveram alívio de dores físicas causadas por doenças terminais, resgataram memórias e desenvolveram o elo com parentes e pessoas próximas através do uso de imagens guiadas por música.

Palavras-chave: Musicoterapia. Cuidados paliativos. Método Bonny De Imagens Guiadas por Música. Estados alterados de consciência.

Abstract: Palliative care is the area that deals with the most delicate moment of human life, the approach of its end. Awareness of the proximity of such a moment can bring to light a series of characteristic issues that afflict those who find themselves in such a situation. Pain and respiratory problems are just some of the physical symptoms that an individual may present, but symptoms such as memory loss, anticipated grief, fear, psychological distress and loss or questioning of meaning are just as important for maintaining the patient's quality of life. **OBJECTIVE:** To identify primary articles that use auditory imagery procedures from receptive music therapy, especially the Bonny Method of Guided Imagery and Music in palliative care, and narrate how the practice takes place. **METHODOLOGY:** This is a narrative review, where primary articles were researched in which the Bonny Method of Guided Imagery and Music or similar procedure were applied in palliative care, seeking to understand the psychological and physiological effects on individuals aged 18 and over in hospital contexts, nursing homes or home care. **RESULTS:** It was possible to identify the main situations in which the procedure could be used, participants were able to deal with deep traumas and family issues, had relief from physical pain caused by terminal illnesses, recovered memories and developed bonds with relatives and people close together through the use of imagery guided by music.

Keywords: Music therapy. Palliative care. Bonny Music Guided Imagery Method. Altered states of consciousness.

INTRODUÇÃO

“Os fenômenos da vida podem ser comparados a um sonho, a um fantasma, a uma bolha, a uma sombra, a uma orvalhada cintilante ou a um raio luminoso; e como tal deveriam ser contemplados”
-(Buda, O Sutra Imutável. O Livro Tibetano dos Mortos, 2021, p 93)

*“Alija-te das paixões da vida, das vaidades,
Da ignorância e da loucura da distração;
Rompe as amarras; só assim acabarás um dia
Com o Mal. Livra-te da Cadeia do Nascimento
E morte, pois sabes o que eles significam.
Assim, liberta-te do desejo, nesta vida na terra,
E irás em teu caminho calmo e sereno.”*
(Buda, Salmo dos Primeiros Budas, I, LVI. O Livro Tibetano dos Mortos, 2021, p 33)

Segundo Bruscia a musicoterapia é um processo interpessoal, onde o terapeuta ajuda o cliente em aspectos mentais, sociais, espirituais, emocionais, físicos, utilizando da música e seus elementos (BRUSCIA, 2016), é uma disciplina do campo da saúde que começou a tomar sua forma moderna ao longo da segunda metade do século XX no pós-guerra, embora as práticas que utilizam a música como facilitador para a cura remontem à diversas culturas em variados períodos históricos. A Musicoterapia foi incluída no Sistema Único de Saúde (SUS) como parte das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde com a Portaria 849 de 2017 e também compõe o quadro de trabalhadores e procedimentos do Sistema de Gerenciamento de Tabela de Procedimentos, Medicamentos e OPM (Órteses Próteses de Materiais Especiais) do SUS pela portaria número 24 de 14 de Janeiro de 2014 (2018, UBAM).

Os cuidados paliativos são definidos pela OMS como a

"assistência promovida por uma equipe multidisciplinar, que objetiva a melhoria na qualidade de vida do paciente e seus familiares, diante de uma doença que ameaça a vida, por meio da prevenção e alívio do

sofrimento, por meio de identificação precoce, avaliação impecável e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais" (OMS, 2020).

Como campo disciplinar, os cuidados paliativos tiveram início na década de 60, tendo como grande marco a fundação do St. Christopher's House em 1967 pela enfermeira inglesa Cicely Saunders, o termo em si foi criado pelo médico e acadêmico canadense Balfour Mount em 1974 (CLARK, 2007).

Uma das primeiras evidências do início da aplicação da musicoterapia nos cuidados paliativos foi em 1977 com o programa de musicoterapia e cuidados paliativos do Hospital Royal Victoria, no Canadá (MUNRO; MOUNT, 1978) que visava entender as necessidades dos pacientes nesse tipo de cuidado. Foram identificados usos de diversas atuações como técnicas ativas de composição, improvisação, o tocar livre de instrumentos, assim como técnicas mistas que poderiam envolver música e movimento, a criação de autobiografias musicais. De acordo com estudos, musicoterapia receptiva é a mais comum em cuidados paliativos devido ao estado dos pacientes, que muitas vezes se encontram com baixa energia para interagir de forma mais ativa, e muitas vezes estão acamados ou sem algumas funções fisiológicas. (CLEMENT-CORTES, 2016a; 2016b).

Musicoterapia receptiva é um método que consiste em diferentes variações, procedimentos e técnicas onde o paciente escuta ativamente música tocada ao vivo ou pré-gravada e responde à experiência de variadas formas podendo ter foco emocional, físico, estético, entre outros (GROCKE, 2015; BRUSCIA, 2016). Algumas variações dessa modalidade se encaixam no que é chamado de Audição Imagética, onde música é utilizada como forma de engatilhar processos imaginativos e jornadas internas, geralmente auxiliado por um estado alterado de consciência. Por sua vez, essa variação é subdividida em quatro tipos diferentes; Imagem Musical Direcionada, Imagem Musical Não-Guiada, Imagem Musical Guiada Interativa e Imagem Musical Guiada. (BRUSCIA, 2016) Entre os procedimentos possíveis dentro da Audição Imagética de Imagem Musical Guiada é o Método Bonny de Imagens Guiadas por Música.

De acordo com Stanislav Groff, alguns estados alterados de consciência podem ser interpretados como Estado Holotrópico de Consciência (EHC). EHC são estados experimentados por xamãs, e praticantes místicos e espirituais de diversas religiões e espiritualidades do mundo e posteriormente induzidos em terceiros para fins

terapêuticos, onde insights sobre a natureza da realidade que geralmente não estão disponíveis no fluxo de consciência do cotidiano são revelados por quem atinge o estado, com alto potencial de cura, autoconhecimento e descoberta da identidade verdadeira (GROF, 2020). Phil Hine indica que estamos constantemente atravessando diferentes estados da consciência de acordo com atividades e estados de atenção ao longo do dia, os EHC podem ser acessados de diversas maneiras, através de técnicas inibitórias, como meditação e privação sensorial, ou excitatórias, como o tocar de tambores, dança e excitação sexual (HINE, 1995).

Na musicoterapia, durante os anos 70 Helen Bonny desenvolve o Método Bonny de Imagens Guiadas Por Música (BMGIM/GIM) após a proibição de pesquisas do efeito terapêutico de drogas psicodélicas como a Dietilamida do Ácido Lisérgico (LSD) (BONDE, 2002; CADESKY, 2006). Surge então como uma alternativa à terapia psicodélica que vinha sendo desenvolvida e pesquisada pela mesma junto com Stanislav Grof e outros no *Maryland Psychiatric Research Center* da Universidade de Maryland. O procedimento consiste nas seguintes etapas e técnicas: o Viajante (forma que é chamado o paciente) é levado a um estado de relaxamento profundo pelo Guia (terapeuta que está aplicando o método), então é colocada uma sequência pré-definida de música, que ajudará o Viajante a atingir um Estado Holotrópico da Consciência, a partir desse estado e escuta, são evocadas uma série de imagens simbólicas, jornadas internas ou outras experiências interiores. O Viajante então traz as imagens e experiência que vivenciou para o Guia, geralmente expressando-a pelo desenho de mandalas ou outras formas de expressão artística, e então é discutido com o conteúdo simbólico da sessão. (MCKINNEY,2016; HONIG, 2016; CLEMENT-CORTES, 2016).

As experiências de EHC trazidas pelo indivíduo que passa pelo BMGIM e métodos de audição imagética são transformadoras, auxiliando no processamento de traumas, superação de medos e anseios, trazendo conforto ou conectando o indivíduo com algo superior à condição da existência humana, o que dá o diferencial no seu potencial terapêutico. (GROF, 2020; CLEMENT-CORTES, 2016)

Muitas das variações da musicoterapia receptiva possuem um foco na redução da percepção de dor do paciente e relaxamento, sendo efetivas em pacientes com câncer que estejam submetidos à quimioterapia. De forma geral, os métodos receptivos também auxiliam no alívio de ansiedade e estresse, melhora do humor, trazendo

momentos de distração e dando ferramentas e métodos que ajudam o paciente a enfrentar melhor a situação. (CLEMENT-CORTES, 2016)

Foi identificado que o Método Bonny de Imagens Guiadas por Música, além de poder ser utilizado nas questões relatadas acima, oferece conforto para pacientes que se encontram com dificuldades emocionais ou psicológicas, precisando de algum *insight* sobre seu estado, apoio com o luto, renovação nas suas esperanças ou simples autoconhecimento (CLEMENT-CORTES, 2016). Também fica evidente inviabilidade para casos de pacientes com dificuldades intelectuais e cognitivas ou instabilidade emocional, pois pode haver dificuldades na interpretação das imagens. Também pode ser difícil aplicar o método em quem apresenta intensa dor física, devido a maior dificuldade em entrar no estado de relaxamento profundo. O BMGIM é contraindicado para indivíduos que passam por alucinações, distúrbios de personalidade ou ideação suicida, sob o risco de ter sintomas indesejados amplificados. (CLEMENT-CORTES, 2016)

Tendo a musicoterapia sido incluída no plano de práticas integrativas e complementares em saúde e sabendo a importância desta modalidade de atendimento (BMGIM), se faz necessário levantar de modo estruturado como o procedimento foi utilizado frente às queixas de pacientes em cuidados paliativos, conhecendo os resultados da aplicação para orientar protocolos de atendimento.

OBJETIVO

Esta revisão narrativa tem como objetivo identificar e mapear a evidência de como a musicoterapia receptiva, em específico o método de Audição Imagética e o Método Bonny de Imagens Guiadas Por Música (*GIM*) foram aplicados com adultos e idosos que se encontravam em cuidados paliativos, compreendendo como foi realizada a intervenção e aplicação dos procedimentos e técnicas, e também evidenciar quais foram as necessidades, principais queixas e os resultados.

METODOLOGIA

Este artigo consiste em uma revisão narrativa. Revisões narrativas não possuem foco em utilizar critérios explícitos ou sistemáticos, não precisando esgotar fontes nem criar estratégias sofisticadas para o desenvolvimento da metodologia, são apropriadas para descrever o “Estado da Arte” e são considerados artigos qualitativos. (Rother, E., 2007)

Nesta revisão, foram pesquisados artigos primários que abordaram métodos de audição imagética induzidos por música e procedimentos, como por exemplo, o Método Bonny de Imagens Guiadas Por Música ou semelhantes, em cuidados paliativos. A partir da pesquisa, foi feita uma síntese dos resultados, que foi discutida à luz da literatura existente, identificando as vantagens de sua aplicação dentro do contexto.

A principal questão desta revisão foi: Como é o uso de métodos receptivos de audição imagética em cuidados paliativos? O trabalho busca entender os efeitos psicológicos e fisiológicos de sessões de musicoterapia receptiva com foco em métodos e procedimentos que visam desencadear imagens mentais nos pacientes em conjunto com a expressão verbal e/ou artística da experiência vivida na sessão e os seus benefícios.

Foram criados como critérios de inclusão: estudos primários qualitativos e literatura ligada aos cuidados paliativos, processos do morrer e temas relacionados. A população abordada inclui adultos de todos os gêneros, a partir de 18 anos. Foram considerados contextos hospitalares, casas de repouso e domicílio.

Foram selecionadas as bases de dados: Scielo, PubMed, Jane e Scopus. Foram utilizados os termos "Receptive Music Therapy", "Bonny Method", "Palliative Care", "death", "dying", "guided imagery and music", "end of life care" em diferentes combinações utilizando operadores booleanos, em inglês e português, a partir dos DECS (Descritores em Ciências da Saúde): Cuidados Paliativos Integrativos, Cuidados Paliativos, Cuidados Paliativos na Terminalidade da Vida, Assistência Paliativa, Cuidado Paliativo, Cuidado Paliativo de Apoio, Tratamento Paliativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados 6 estudos entre o período de 2005 à 2018.

O quadro abaixo (QUADRO 1), apresenta dados gerais dos artigos incluídos:

D	Título	Autor	Ano	Revista	País
1	An Overview of the Bonny Method & its use in palliative care settings	Amy Clement-Cortés	2016	Music and Medicine Interdisciplinary Journal	Canadá
2	Development and efficacy of music therapy techniques within palliative care	Amy Clement-Cortés	2015	Complementary Therapies In Clinical Practice, Vol 23	Canadá
3	Dying Well - The Bonny Method of Guided Imagery and Music at End of Life	M Louise Caldern	2005	Journal of the Association for Music and Imagery, Vol. 10	USA
4	The future of the Bonny Method – A Perspective on Danish Practice with a Forecast to the Future	Lars Ole Bonde	2017	Approaches. Music therapy and special education	Dinamarca
5	Efficacy of Guided Imagery With Theta Music for Advanced Cancer Patients With Dyspnea: A Pilot Study	Wei Shu Lai, Co-Shi Chantal Chao, Wan Ping-Yang, Ching-Huey Chen	2010	Biological Research For Nursing	Taiwan
6	Haven: Sharing receptive music listening to foster connections and wellbeing for people with dementia who are nearing the end of life, and those who care for them	Claire E Garebedia, Fiona Kelly	2018	Dementia (London)	Escócia/ Reino Unido

O quadro abaixo (Quadro 2) apresenta o contexto, técnicas utilizadas, queixas e necessidades do paciente e resultados.

D	Contexto	Procedimento Utilizado	Principais queixas/necessidades	Resultado
A1	Não especificado	Método Bonny de Imagens Guiadas por Música.	Não especificado.	Indica que o Método Bonny é uma ferramenta importante para o alívio de dores psicológicas, principalmente as presentes no final da vida e que deve ser adaptada para tais situações.
A2	Não especificado	Método Bonny de Imagens Guiadas por Música e outras técnicas receptivas	Abarca desde alívio de dores físicas, psicológicas, redução de estresse e ansiedade.	A musicoterapia receptiva é capaz de aliviar sintomas de dor física, atrasar o desenvolvimento de efeitos colaterais de tratamentos de câncer e ajudar em processos psicológicos.
A3	Clínica particular	Método Bonny de Imagens Guiadas por Música.	Sentimentos de medo, vergonha, luto e tristeza. Vontade de autoconhecimento.	Ajudou a paciente a trazer à tona sentimentos nunca expressados antes, assim como encontrar sentido no período que estava passando e se reaproximar e perdoar a família.
A4	Casa de repouso	Método Bonny de Imagens Guiadas Por música e adaptações.	Não foi identificado.	O Método Bonny e variações do mesmo são compatíveis com os cuidados paliativos e devem ser adaptados conforme a situação. O estudo encontrou uma barreira no fato de que na Dinamarca são levadas aos cuidados paliativos pessoas com cerca de duas semanas restantes de vida.
A5	Hospital	Imagens Guiadas por Música Theta	Dispneia resultante de câncer.	O estudo piloto indica que o uso de Imagens Guiadas com Música Theta reduziu os índices de dispnéia e aliviou os sintomas e desconfortos característicos da situação.
A6	Casa de repouso.	Escuta receptiva de música pré-gravada e tocada ao vivo.	Demência	A escuta receptiva de música personalizada, em conjunto com outros fatores, pode transportar o paciente para um santuário, capaz de resgatar memórias, trazer conforto e relaxamento.

A população contemplada nos estudos foi de adultos acima de 18 anos, incluindo idosos na faixa de 65 anos (A3, A5, A6). Os diagnósticos foram câncer, dispneia

e variados graus de demência (A3, A5, A6). A leitura dos estudos indica que a musicoterapia receptiva e o BMGIM são utilizados para uma série de necessidades dos pacientes que se encontram em cuidados paliativos. Podemos observar seu uso sendo eficaz para o alívio de dores, retardamento de sintomas de quimioterapia, relaxamento e, principalmente, o alívio de questões psicológicas, reencontro com a paz espiritual e existencial e resolução de diferentes situações pessoais vistas como mal resolvidas pelo paciente.

Ao longo das últimas décadas, o foco dos cuidados paliativos vem mudando do controle de dores e sintomas físicos e dando cada vez mais espaço para o cuidado com a espiritualidade e com questões existenciais do paciente, isso se dá pois a proximidade da morte muitas vezes traz à tona a busca por significado (CLEMENT-CORTES, 2016). Essa busca pode ser difícil de ser realizada quando o indivíduo se encontra fragilizado por alguma doença, com expectativas para o futuro encerradas ou com questões de sua vida não resolvidas, como arrependimentos, conflitos pessoais, dúvidas e ânsias sobre o pós-morte.

A musicoterapia receptiva, e em especial o BMGIM, são ótimas ferramentas para a indução de Estados Holotrópicos da Consciência, termo cunhado pelo psiquiatra austríaco Stanislav Grof para diferenciar estados alterados de consciência benéficos, muitas vezes induzidos intencionalmente pelo uso de técnicas meditativas, drogas psicotrópicas ou outras formas de indução de transe, de estados alterados de consciência maléficos que podem ser induzidos por doenças infecciosas, circulatórias, degenerativas do cérebro ou má administração e uso indevido de substâncias psicotrópicas. Esses estados benéficos são capazes de levar o paciente a insights e reflexões sobre sua situação e estado, sendo uma potente ferramenta para a transformação (GROF, 2020).

A aplicação do GIM, procedimentos semelhantes e outros métodos de musicoterapia receptiva oferecem uma forma que exige poucos recursos, em que tais questões podem ser trabalhadas com os pacientes. Além da formação em musicoterapia obrigatória por parte do terapeuta que deseja aplicar qualquer método da musicoterapia, a aplicação do Método Bonny de Imagens Guiadas por Música requer uma formação e treinamento específicos, o mesmo não é necessário para outros métodos de audição imagética que não possuam marca registrada ou que sejam

desenvolvidos por praticantes individuais de musicoterapia. As aplicações dos procedimentos consistem em uma série de conversas com o indivíduo antes da sessão propriamente dita, que visa entender as ansiedades e questões que o mesmo gostaria de trabalhar e direcionar o caminho da sessão, como a seleção de música que será utilizada e adaptações necessárias. Ao final de cada sessão, o paciente expressa a experiência vivida artisticamente (como no desenho de mandalas) e verbalmente (CLEMENT-CORTES, 2016). Não existe protocolo que indique o número de sessões necessárias para o BMGIM, somente um dos estudos reportou ter realizado 12 sessões, com o interrompimento da continuidade sendo devido ao falecimento do paciente. No entanto, podemos inferir que uma maior quantidade de sessões naturalmente permitirá uma maior exploração por parte do viajante e do guia, dando maiores oportunidades de desenvolvimento, e apenas uma sessão, apesar de poder trazer algum entendimento ou alívio, pode não ser suficiente para explorar tais questões de forma efetiva. Aqui entra um importante ponto da necessidade de adaptação, pois em certos casos, um paciente pode ser transferido para os cuidados paliativos quando sua expectativa de vida não deve passar de um período pré-determinado, como é o caso da Dinamarca, em que o paciente é colocado em uma unidade de cuidados paliativos quando sua expectativa de vida é de duas semanas. (BONDE, 2017)

Em dois estudos, o BMGIM é apontado como uma forma de terapia altamente efetiva, sendo capaz de ser aplicada em diversos casos dentro dos cuidados paliativos, seja para o tratamento de dores e dificuldades psicológicas, liberação emocional ou tratamento complementar de sintomas físicos relativos à doenças e tratamentos que a pessoa esteja passando. Ressaltando também a necessidade de possíveis adaptações de acordo com o paciente, tais adaptações geralmente se referem a questões de redução de tempo das sessões, dado que a pessoa em cuidado paliativo muitas vezes apresenta energia reduzida e maior dificuldade em manter a concentração por períodos maiores de tempo (CLEMENT-CORTES, 2016) (LAI et. al., 2010). Também são utilizadas formas de facilitar a indução de imagens, como utilização de objetos focais e imagens iniciais (CLEMENT-CORTES, 2016). Também podem ser utilizadas outras formas de integração da experiência além do desenho de mandalas, como dança improvisada. (CLEMENT-CORTES, 2016)

Outras possíveis adaptações foram apontadas pelo estudo dinamarquês "The Future of the Bonny Method" (BONDE, 2017), essas adaptações ocorreram devido ao sistema de saúde dinamarquês. Essas adaptações foram realizadas em grande parte devido ao estado frágil de quem está nas últimas semanas de vida, e tinham como objetivo diminuir o tamanho de cada sessão, auxiliar o processo respiratório assim como dar apoio e suporte ao paciente, ao invés de exploração e autoconhecimento (BONDE, 2017).

O terceiro artigo é um estudo de caso realizado com Ellen, uma paciente de câncer de 47 anos submetida à quimioterapia que passou por 12 sessões do GIM nos seus últimos oito meses de vida. Ellen inicialmente queria explorar de forma profunda os efeitos da doença em sua psique e encontrar alegria em sua vida novamente, como dito por ela "Preciso abrir meu coração, encontrar minha autenticidade, meu ser nuclear" (CALDRIN, 2005, p. 6). Ao longo do processo, vai se tornando capaz de explorar suas emoções e sentimentos, e também vai mostrando e criando poemas que ajudam a entender sua situação, com o decorrer do tempo, consegue fazer as pazes com sua família e sua mãe, com quem possuía um relacionamento conturbado e afastado, inclusive conseguindo com que sua mãe se tornasse sua cuidadora nas suas últimas semanas de vida. Em suas últimas sessões, a paciente também revela que passou por um abuso sexual quando era criança, questão que até um ano antes do seu diagnóstico, nunca havia revelado para ninguém por medo e vergonha das reações, na mesma sessão, também falou sobre ter sido vítima de bullying na escola, situações que levaram ela a se tornar mais fechada e se afastar da sua família. Ellen foi capaz de expressar muitas de suas preocupações e sentimentos que estavam enterrados dentro de si, suas experiências possuíam forte conteúdo arquetípico que a auxiliaram a encontrar sentido dentro da sua situação e dar suporte numa fase difícil e de extrema insegurança. (CALDRIN, 2005)

Um estudo (A5) realizado com pacientes de câncer avançado que apresentavam dispneia apresentou uma possível adaptação dos métodos receptivos, a indução de imagens guiadas com música binaural Theta. O som binaural é uma ilusão auditiva causada quando, num fone de ouvido estéreo, é colocado um som afinado em frequências diferentes em cada lado do ouvido, causando um fenômeno conhecido como batimento acústico, em que a diferença entre as frequências é percebida como

uma espécie de batida. É chamado de música Theta quando a frequência gerada pelo efeito é de 5hz, assim atingindo a frequência das ondas cerebrais (GERGEN et. al., 1975). Novamente, cada sessão teve sua duração reduzida em função da dificuldade que pacientes com câncer avançado apresentam em manter a concentração por longos períodos de tempo, também foram adaptadas perguntas feitas aos participantes do estudo, sendo escolhidas perguntas mais neutras consideradas mais apropriadas à pacientes em estado terminal.

O estudo demonstrou que a utilização de Imagens Guiadas por Música Theta melhorou os índices de frequência respiratória e cardíaca dos objetos do estudo, assim como de EtCO₂ (nível de exalação de carbono), e também a percepção subjetiva da dispneia. Os pacientes que conseguiram terminar as sessões saíram dela com sentimentos de calma, paz e liberdade, enquanto os que não completaram as sessões tiveram seus índices inalterados. Cerca de metade dos pacientes dormiram durante a sessão, indicando que o procedimento também pode ser utilizado para esse fim específico (LAI et. al., 2010).

Em duplas contendo um paciente com demência e expectativa de vida de aproximadamente seis meses e um familiar de seu convívio, foi utilizada um procedimento de musicoterapia receptiva fora do espectro do Método Bonny de Imagens Guiadas por Música, em que as duplas passaram por sessões onde ouviram músicas tradicionais de sua cultura ou relacionadas a sua autobiografia musical, em versões gravadas e tocadas ao vivo. O estudo teve como objetivo verificar os efeitos que as sessões teriam nessa população e seus resultados foram categorizados em quatro temas: empoderamento, relaxamento, aproveitamento e reconexão. Essas categorias foram escolhidas com base em entrevista com as duplas, onde os pacientes se sentiram empoderados por ter autonomia de escolher as músicas tocadas, sensação de relaxamento e divertimento, tanto por parte do familiar por ter um momento de descontração em sua rotina que muitas vezes pode ser pesada, quanto do enfermo pelo puro ato de prazer trazido pela sessão e pela música, e também sentimento de aproximação, principalmente por parte dos familiares, que muitas vezes se viam distantes do parente enfermo (GAREBEDIAN; KELLY, 2020).

A demência não é uma doença em si, mas uma condição adquirida a partir de outras causas. Em estado avançado, pode causar perda de memória e apresentar confusão mental no indivíduo acometido pela condição (GALE et. al. 2020). As sessões ofereceram ao paciente um abrigo ao provocar o resgate de memórias e de seu passado, desde lembranças de suas infâncias e a vontade de conversar sobre a experiência, reações físicas, como danças e movimentos seguindo a música. Em um dos casos relatados, um dos pacientes, apesar de seu aspecto sugerir que estava dormindo ou inconsciente, se colocou a reproduzir complexos passos de dança ao ouvir músicas tradicionais escocesas. Em contrapartida, o estudo ressalta a necessidade de um terapeuta preparado e capaz de ler e lidar com sinais negativos e sensibilidades, como casos de pacientes que se sentem frustrados ao não conseguirem lembrar das músicas que são tocadas, também foi uma questão importante entender quando uma música considerada triste ou familiar pode ter uma reação negativa.

CONCLUSÃO

A musicoterapia receptiva, a audição imagética e o BMGIM, devido a natureza não invasiva e versatilidade, assim como pelo fato de serem métodos e procedimentos que não exigem grandes recursos para serem aplicados, apresentam-se como uma ótima alternativa de terapia nos cuidados paliativos. Esta revisão mostra que não apenas é possível adaptar e aplicar esse ramo da musicoterapia em diferentes formatos, mas é extremamente desejável para que as necessidades do paciente sejam supridas. Como relatado, tanto procedimentos que se aprofundam mais no conteúdo interno do indivíduo, tal como o GIM, quanto variações da musicoterapia receptiva e audição imagética apresentaram bons resultados.

O GIM e a musicoterapia receptiva, apresentam uma variada gama de formas de se induzir um EHC, formas de atingir esses estados foram desenvolvidas ao longo de milênios dentro de diversas religiões e espiritualidades, e sempre foram utilizados em rituais de cura, ritos de passagem ou iniciação em mistérios da existência, morte e renascimento. (GROF, 2020)

O Método Bonny de Imagens Guiadas por Música, assim como outros procedimentos da audição imagética, podem ser entendidas como descendentes de tais práticas, oferecem ao enfermo uma forma de explorar tal dimensão da mente humana e voltar com lições, reflexões e revelações internas que podem levar à cura das mais diversas aflições e questões psicológicas e trazer o alívio físico às variadas sensações características de quem se encontra em cuidados paliativos, mantendo o imediatismo da experiência sem as desvantagens que o uso de drogas psicoativas podem oferecer, sejam elas em relação à proibição de tais substâncias ou contraindicações.

REFERÊNCIAS

Clements-Cortés A. An Overview of the Bonny Method & Its Use in Palliative Care Settings. *Music and Medicine*. 2016;8(2):26.

Phil Hine. *Caos Condensado, uma introdução à Magia do Caos*. 1st ed. Vol. 1. Oficina Palimpsestus; 1995. 15 p.

UBAM. *Cartilha - Musicoterapia - Inserção no SUS*. UBAM. 2021;

Bruscia K. *Definindo a Musicoterapia*. 3a ed. Barcelona Publishers; 2016.

Gale SA, Acar D, Daffner KR. Dementia. *The American Journal of Medicine*. 2018;131(10):1161–9.

Clements-Cortés A. Development and efficacy of music therapy techniques within palliative care. *Complementary Therapies in Clinical Practice*. 2016;23:125–9.

Cadrin ML. *Dying Well: The Bonny Method of Guided Imagery and Music at End of Life*. *Voices: A World Forum for Music Therapy*. 2009;9(1).

Lai WS, Chao CSC, Yang WP, Chen CH. Efficacy of Guided Imagery With Theta Music for Advanced Cancer Patients With Dyspnea: A Pilot Study. *Biological Research For Nursing*. 2010;12(2):188–97.

Clark D. From margins to centre: a review of the history of palliative care in cancer. *The Lancet Oncology*. 2007;8(5):430–8.

Bonde LO. Guided Imagery and Music - and Beyond? *Nordic Journal of Music Therapy*. 2002;11(2):167–71.

Garabedian CE, Kelly F. Haven: Sharing receptive music listening to foster connections and wellbeing for people with dementia who are nearing the end of life, and those who care for them. *Dementia*. 2020;19(5):1657–71.

McKinney CH, Honig TJ. Health Outcomes of a Series of Bonny Method of Guided Imagery and Music Sessions: A Systematic Review. JMTher. 2016 Dec 8;thw016.

Gerken GM, Moushegian G, Stillman RD, Rupert AL. Human frequency-following responses to monaural and binaural stimuli. Electroencephalography and Clinical Neurophysiology. 1975;38(4):379–86.

Cadesky N. Music Consciousness: The Evolution of Guided Imagery and Music. Journal of Music Therapy. 2006;43(2):164–71.

Munro S, Mount B. Music therapy in palliative care. Canadian Medical Association journal. 1978;119(9):1029–34.

Grof S. O Manual do Psiconauta - Enciclopédia para Jornadas Internas. 1a ed. Vol. 1. Numina; 2020.

OMS. Palliative Care. 2020;

Breitbart W, Gibson C, Poppito SR, Berg A. Psychotherapeutic Interventions at the End of Life: A Focus on Meaning and Spirituality. The Canadian Journal of Psychiatry. 2004;49(6):366–72.

Grocke D. Receptive Music Therapy. Vol. 1. Oxford University Press; 2015.

Rother ET. Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta Paulista de Enfermagem. 2007;20(2):v–vi.

Jones JD. Songs Composed for Use in Music Therapy: A Survey of Original Songwriting Practices of Music Therapists. Journal of Music Therapy. 2006;43(2):94–110.

Bonde LO. The future of the Bonny Method – A Perspective on Danish Practice with a Forecast to the Future. Approaches Music therapy and special education. 2017;9(2):300–5.

Bruscia K. The Practical Side of Improvisational Music Therapy. Music Therapy Perspectives. 1989;6(1):11–5.

Hiller J, Gardstrom SC. The Selection of Music Experiences in Music Therapy. Music Therapy Perspectives. 2018;36(1):79–86.

Sobre os autores:

Vítor Marsula é graduado em Relações Internacionais pela ESPM-SP. Pós-graduado em Musicoterapia pela Faculdade Santa Marcelina.

Denise Chrysostomo Suzuki é doutoranda em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência na Universidade Federal de São Paulo desde 2021. Mestra em Ciências pelo Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo e Escola Paulista de Medicina, 2020. Musicoterapeuta Neurológica pela Robert F. Unkefer Academy for Neurologic, 2020. Especialização em Adolescência para Equipe Multiprofissional no Setor de Medicina do Adolescente da Universidade Federal de São Paulo, 2018. Bacharel em Musicoterapia (Faculdade Paulista de Artes, 2009). Music Therapy. Musicoterapeuta Clínica e pesquisadora na área de musicoterapia neurológica.